

Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga

Ana Iriarte & Luísa de Nazaré Ferreira
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Ana Lúcia Curado
Universidade do Minho

Cristina Pinheiro
Universidade da Madeira

Carmen Morenilla Talens
Universitat de València

David Hernández de la Fuente
Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid

Christian Laes
Universiteit Antwerpen, University of Tampere,
Vrije Universiteit Brussel

François Quantin
Université de Pau et des Pays de l'Adour

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga

Ana Iriarte & Luísa de Nazaré Ferreira
(coords.)

Universidad del País Vasco e Universidade de Coimbra

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

IDADES E GÉNERO NA LITERATURA E NA ARTE DA GRÉCIA ANTIGA
AGES AND GENDER IN THE LITERATURE AND ART OF ANCIENT GREECE

COORD. ED.

Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT
imprensa@uc.pt

Vendas online ONLINE SALES
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS
Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS
Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento PRINTED BY
Simões & Linhares, Lda. Rua 4 de Julho, Armazém
n.º 2, 3025-010 Coimbra

ISSN
2182-8814

ISBN
978-989-26-1016-0

ISBN Digital
978-989-26-1017-7

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1017-7>

Depósito Legal LEGAL DEPOSIT
393444/15

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contacto CONTACT
@annablume.com.br

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
www.fct.pt
POCI/2010



Proyecto de investigación “Clases de edad y de género en la Antigua Grecia” (HAR 2011-27092)

Projeto UID/ELT/00196/2013 -
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade
de Coimbra

© Fevereiro 2015

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Universitatis Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

A ortografia dos textos é da inteira responsabilidade dos autores.

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under
Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

IDADES E GÉNERO NA LITERATURA E NA ARTE DA GRÉCIA ANTIGA

AGES AND GENDER IN THE LITERATURE AND ART OF ANCIENT GREECE

COORD. ED.

Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidad del País Vasco, Universidade de Coimbra

RESUMO

Este volume apresenta algumas reflexões sobre as ideias de idade e género na Grécia antiga. Reúne sete estudos de investigadores espanhóis, portugueses e argentinos, que se baseiam em diferentes fontes: literárias, iconográficas, epigráficas e sociais. Os trabalhos não se centram no cidadão, isto é, no varão adulto, no cidadão de acordo com a definição aristotélica, mas nas crianças, nos anciãos, nas donzelas. Explora-se inclusive o campo da prostituição masculina. Trata-se de um estudo que, com base na abundante bibliografia publicada nos últimos anos sobre estes aspectos, apresenta uma reflexão de conjunto sobre as margens da cidadania vista sob os parâmetros de género e idade.

PALAVRAS-CHAVE

Idade, género, crianças, donzelas, anciãos, prostituição masculina.

ABSTRACT

This volume puts forward several reflections about the idea of age and gender in Ancient Greece. It brings together seven studies by Spanish, Portuguese and Argentinian researchers. The essays gathered here are based upon information from different sources: literary, iconographic, epigraphic, and social. They do not focus on the citizen, i.e. on the adult male as the citizen, according to Aristotle's definition, but on children, elderly, maidens. Even the field of male prostitution is explored. It is a study which, based on the abundant bibliography which has developed over recent years on these issues, offers an overall reflection on the margins of citizenship seen from the parameters of gender and age.

KEYWORDS

Age, gender, children, maidens, elderly, male prostitution.

COORDENADORES

Ana Iriarte é doutorada em História e Civilizações da Antiguidade pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (ÉHÉSS) de Paris. Atualmente é Professora Catedrática de História Antiga na Universidade do País Basco (UPV/EHU). As suas investigações centram-se na historiografia, no teatro ático e nas identidades na Grécia arcaica e clássica.

Luísa de Nazaré Ferreira é doutorada em Literatura Grega e Professora Auxiliar da Universidade de Coimbra. A sua investigação atual centra-se na poesia grega (Simónides), na representação da infância na cultura grega, na arte clássica e na receção dos temas clássicos na tapeçaria antiga.

EDITORS

Ana Iriarte holds a PhD in History and Ancient Civilizations from ÉHÉSS, Paris. She is Full Professor of Ancient History at the University of the Basque Country (UPV/EHU). Her current research focuses on Historiography, Attic Theatre and Identities in Archaic and Classical Greece.

Luísa de Nazaré Ferreira holds a PhD in Greek Literature, and she is Assistant Professor at the University of Coimbra. Her current research focuses on Greek poetry (Simonides), the representation of childhood in Greek culture, Classical art, and the reception of Classical themes in ancient tapestry.

SUMÁRIO

SEMBLANZAS DE SEMI-CIUDADANÍAS GRIEGAS. SOBRE CRÍOS, ANCIANOS Y FÉMINAS (Sketches of Semi-Greek Citizenships: about Kids, Old People, and Females) Ana Iriarte	9
LAS EDADES DE LA VIDA: INFANCIA Y VEJEZ A TRAVÉS DE LA ICONOGRAFÍA GRIEGA (The Ages of Life: Childhood and Old Age through Greek Iconography) Margarita Moreno Conde	31
VIOLÊNCIA E INFÂNCIA NA GRÉCIA ANTIGA: TRÊS ASPECTOS DE UMA PROBLEMÁTICA (Violence and Childhood in Ancient Greece: three aspects of an issue) Luísa de Nazaré Ferreira	61
EL HOGAR CAMPESINO PARA LA DONCELLA EN <i>TRABAJOS Y DÍAS</i> DE HESÍODO (The Peasant Home for the Maid in Hesiod's <i>Works and Days</i>) Katia Obrist	89
MANERAS RITUALES DE MATAR A UNA DONCELLA: IFIGENIA ENTRE LAS VÍCTIMAS SACRIFICIALES EURIPIDEAS (Ritual Ways of Killing a Maid: Iphigenia amongst Euripidean Sacrificial Victims) Elsa Rodríguez Cidre	109
PROBLEMÁTICA DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA ÁTENAS CLÁSSICA (The Problem of Male Prostitution in Classical Athens) Nuno Simões Rodrigues	129
<i>EUDAIMONES</i> . DICHOSOS ANCIANOS DEL ÁTICA (<i>Eudaimones</i> . Blessed elders of Attica) Marta González González	167
INDEX LOCORVM	193
INDEX NOMINVM	203
AUTORES	211

(Página deixada propositadamente em branco)

SEMBLANZAS DE SEMI-CIUDADANÍAS GRIEGAS. SOBRE CRÍOS,
ANCIANOS Y FÉMINAS¹
(Sketches of Semi-Greek Citizenships: about Kids, Old People, and Females)

ANA IRIARTE (ana.iriarte@ehu.eus)
Universidad del País Vasco

RESUMEN – Este texto se vertebra al hilo de la serie de edades – tamizadas por la división sexual – que en la célebre definición de “ciudadanía plena” propiciada por la *Política* de Aristóteles, aparecen como “imprecisas” con respecto a la imagen rotunda del varón ateniense en su momento de plenitud.

PALABRAS CLAVE: ciudadanía griega, clases de edad, Aristóteles.

ABSTRACT – This text is organized in keeping with the series of ages which, sift through the sexual division, are not taken sufficiently into account in the famous definition of “full citizenship” promoted by Aristotle’s *Politics*. Aristotle’s classification proves “imprecise” regarding the emphatic image of the Athenian male in his prime.

KEYWORDS: Greek citizenship, age classes, Aristotle.

En la Antigüedad, a lo largo de varios siglos, las máscaras teatrales que portaban los actores – siempre hombres – de las célebres representaciones áticas, se refinaron extraordinariamente, fueron plasmando personajes con caracteres y estados de ánimo cada vez más precisos. Así lo explica, en el siglo II d.C., el célebre pasaje que Pólux de Náucratis dedica a este objeto-estelar de los escenarios, describiendo primero las máscaras de varones y sus franjas de edad, las femeninas a continuación. En un principio, dichas máscaras distinguían, *grosso modo*, las diferencias de sexo (masculino o femenino) y dos o tres edades: varón, anciano, joven (ἀνὴρ, γέρον, νεανίας), dama o doncella (γυνή, κόρη)².

Cuando los antiguos griegos escenificaban su tradición mítica y a sí mismos en el espacio teatral, se aseguraban de exhibir las diferencias de sexo y de edad de los

¹ Temáticamente, el texto que presento en adelante se sitúa en el ángulo de dos Proyectos I+D del MCI: “Clases de edad y de género en la antigua Grecia” (HAR2011-27092) y “Discurso y política en la Atenas clásica” (HAR2011-26191).

² Poll. 4.133-141, en la edición de Erich Bethe (1966), *Pollvcis Onomasticon*, I-V. *Lexicographi Graeci*. Vol. IX,1. Stuttgart: Teubner, 241-243. Para este listado de máscaras femeninas y masculinas con sus respectivas categorías de edad, véase la sistemática recopilación de fuentes antiguas ordenada y comentada, ya en 1753, en el *Dictionnaire Universel raisonné des connaissances humaines*, editado por Fortunato Bartolomeo De Felice, s.v. Masque de théâtre. Para las máscaras teatrales y divinas estudiadas desde la antropología histórica: Vernant 1990, así como los estudios realizados, sobre la base de la iconografía propiamente dicha, por este helenista con Frontisi-Ducroux 1997. Una resumida presentación del tema puede encontrarse en Iriarte 1996a: 23-30. Las particularidades de la máscara, observadas desde el contexto enunciativo de las representaciones teatrales griegas, fueron investigadas por Calame 2000: 139-164.

míticas representadas en este momento de la vida. Así, en el ámbito masculino los reyes aparecen en muchas ocasiones representados como ancianos mediante lo que se hace alusión a la longevidad de su reino. Es el caso entre otros de Príamo⁷⁷, de Eurito⁷⁸, padre de Yole al que Heracles mata junto a sus hijos por no honrar la promesa de entregarle la mano de su hija, o de Néstor⁷⁹, rey de Pilos, que habría vivido tres generaciones y que era considerado por Homero como la voz de la sabiduría, por no citar más que algunos. También suelen representarse como ancianos a los jueces de los Infiernos, Radamante, Minos y Éaco⁸⁰, hijos de Zeus, que gozaron del privilegio de ser jueces por su gran sabiduría y sentido de la justicia en vida.

La ancianidad se asocia también a la representación de los adivinos. Es el caso de Tiresias⁸¹, conocido sobre todo por la tragedia de Sófocles, *Edipo Rey*, y a quien los dioses concedieron la capacidad de profetizar después de muerto, o de Fineas⁸², otro adivino que encontrarán los Argonautas en su búsqueda del vellocino de oro. Los mensajeros⁸³, como el que le desvela a Edipo la terrible verdad de su historia, que Yocasta escucha horrorizada, y los pedagogos, como ya hemos visto, serán figuras representadas también como ancianos. Todos ellos atesoran saberes, son la memoria de los hombres.

¿Qué sucede con las mujeres? como ya hemos avanzado, en lo que a ellas se refiere las fuentes escritas son prácticamente inexistentes. Sí sabemos que, curiosamente, algunas gozaban, quizá por primera vez en su vida, de un estatus especial en la medida en que, al margen de las cargas religiosas como sacerdotisas⁸⁴,

⁷⁷ Madrid, MAN 10920, hidria ática de figuras negras, Pintor de Príamo.

⁷⁸ Madrid, MAN 10916, ánfora ática de figuras negras, Pintor de Safo, hacia 500 a.C. Cf. *LIMC* IV, s.v. Eurytos I 3.

⁷⁹ Madrid, MAN 2007/86/1, cratera de cáliz ática, de figuras rojas, Pintor de Meleagro, 400-380 a.C. (fig. 11).

⁸⁰ Munich, Antikensammlungen 3297 (J 849), cratera de volutas apulia, Pintor de Darío, hacia 330 a.C. Cf. *LIMC* I, s.v. Aiakos 3. Radamante era considerado el Señor del Elíseo y juez de los hombres de Asia, Minos, el juez del último voto y Éaco, el más joven de los tres, el guardián de las llaves del Hades y juez de los hombres de Europa.

⁸¹ París, Cabinet des Médailles 422, cratera de campana lucana del Pintor de Dolón, 400-375 a.C. Cf. *LIMC* VIII, s.v. Teiresias 11.

⁸² Malibu, Getty Museum 85 AE 316, cálide ática de figuras rojas, Pintor de Cleofrades, hacia 480-470 a.C. Cf. *LIMC* IV, s.v. Harpyiai 9.

⁸³ Siracusa, Museo Arqueológico Regional Paolo Orsi 66557, cratera de cáliz de Sicilia, Pintor de Capodarso, hacia 330 a.C. *LIMC* VII, s.v. Oidipous 83.

⁸⁴ Algunos cultos exigían una edad mínima para ejercer el sacerdocio. Es el caso de las 14 *geraiai* que desempeñaban un papel específico en las ceremonias del culto a Dioniso con ocasión de las *Anthesteria*. Elegidas por el arconte rey participaban en los ritos sagrados, hacían ofrendas en los altares del santuario en el Limnaion y escoltaban a la *basilinna* durante la procesión hasta su encuentro con el dios (Arist. *Ath.* 3.5). En Olimpia, se escogía en función de su ancianidad y de su reputación a las 16 mujeres que integraban el colegio encargado de organizar las *Héraia* y de tejer cada cuatro años el velo para la diosa (Paus. 5.16.2-7). En la medida en que carecen ya de reglas y de la capacidad de engendrar son menos susceptibles de caer en la contaminación lo que hace de ellas perfectos agentes en los cultos y las purificaciones.

cuando algunos cultos prescribían que debía tratarse exclusivamente de ancianas, como en el caso de la Pitia de Delfos⁸⁵, podían ejercer ahora como comadronas. Se consideraba que solo la mujer que había alcanzado la menopausia y tenido hijos podía ejercer como tal porque poseía la *techné* (la técnica) es decir, sabía de primera mano todo lo necesario sobre el proceso del embarazo y el parto⁸⁶. Desgraciadamente, las imágenes de partos naturales están prácticamente ausentes del lenguaje figurado y a nuestro conocimiento no existe ninguna representación de una mujer anciana actuando como comadrona. Una imagen que sin embargo sí es recurrente en la pintura de vasos griegos es la de la nodriza⁸⁷. Como ya sucediera con los pedagogos, muchas de ellas eran esclavas como Geropso, esclava tracia, reconocible por sus tatuajes, que acompaña a un joven, probablemente Heracles, a su clase de música⁸⁸. La manera de representarlas suele ser siempre muy parecida, mujeres algo encorvadas con el cabello canoso⁸⁹.

Nodrizas y pedagogos, personajes indispensables por otra parte de las tragedias griegas⁹⁰, son aquellos que introducen una nota de emotividad en las imágenes en la medida en que son los que siempre han estado más cerca de los héroes y de las heroínas en el plano mítico o de niños y niñas en el real, como traducen a la perfección algunas representaciones cerámicas como el lutróforo apulio donde Alceste se despide de sus hijos, un niño y una niña y junto a quienes aparecen la nodriza y el pedagogo, o el desconsuelo de estos ante la muerte del pequeño Arquémoro que recoge una cratera de volutas apulia del Pintor de Darío⁹¹.

⁸⁵ Esta prescripción parece haber intervenido en un segundo momento en la historia del oráculo. Plutarco evoca el hecho de que ha de tratarse de una virgen, algo que no recogen todas las fuentes. Otros la describen como una anciana e incluso hablan de sus descendientes. Según Diodoro de Sicilia (16.26.6), una de las primeras profetisas habría sido raptada y violada por uno de los consultantes venido de Tesalia. Para evitar estos actos y garantizar así la sacralidad del lugar y de la consulta, los habitantes de Delfos se habrían decantado por mujeres de edad avanzada para ejercer como Pitia.

⁸⁶ Pl. *Thi.* 149b-151d.

⁸⁷ Las nodrizas aparecen también representadas en las terracotas o en las estelas funerarias. Sobre estas últimas: Kosmopoulou 2001.

⁸⁸ Schwerin, Staatliche Museum KG 708, escifo ático de figuras rojas, Pistoxenos, hacia 460 a.C. Cf. *LIMC* IV, s.v. Heracles 1666. El hecho de que la educación fuera confiada a personas de origen esclavo ha sido interpretada de diferentes maneras por la historiografía. Cf. Schulze 1998. Tras el análisis de Schulze, este tema ha sido objeto de diferentes lecturas en los últimos tiempos. Ver en último lugar Birchler Emery 2010b: 753, que recoge las principales lecturas.

⁸⁹ Podemos pensar en Etra la madre de Teseo: Bolonia, Museo Civico 268, cratera de volutas ática de figuras rojas del Pintor de los Nióbidas, hacia 470 a.C. Cf. *LIMC* I, s.v. Aithra I 68. Sobre los rasgos que retiene la iconografía griega para representar la vejez en época arcaica: Birchler Emery 2010a.

⁹⁰ Taplin 2007. No hay que olvidar sin embargo que el prototipo de la nodriza se fija ya en la *Odisea* a través de la figura Euriclea, nodriza de Ulises. Sobre los distintos rostros de la nodriza a través de la literatura griega: Molinos Tejada 2005.

⁹¹ Basilea, Antikenmuseum S21, lutróforo apulio cercano al Pintor de Laodamia 340 a.C.

La parte negativa de la vejez explica también la aparición, sobre todo a partir del siglo IV a.C., no sólo en la comedia de Aristófanes (*Ec.* 878-1111) sino también en el lenguaje figurado, del viejo o la vieja caricaturizados⁹², en ocasiones con rasgos casi simiescos creándose estereotipos como el de “la vieja verde”, el borracho, o la celestina, por lo general siempre más acusados en el caso de la mujer que en el del hombre, incluso cuando son representados en sus tareas habituales como pedagogos o nodrizas.

Hay un ámbito sin embargo en el que los dos extremos de la vida se dan la mano en el mundo griego. Su lugar frente a la violencia. Son innumerables las representaciones relativas a las distintas epopeyas griegas y en particular a la Guerra de Troya, con la muerte de Troilo, el hijo menor de Príamo y de Hécuba, y la de Astianacte⁹³, nieto de estos últimos e hijo por lo tanto de Héctor y Andrómaca. Este tema, que gozará ya de una extraordinaria popularidad entre los pintores de figuras negras, será representado hasta el final de la producción ática a finales del siglo IV a.C. y retomado también por los talleres suritálicos. Ambos niños y el anciano rey Príamo comparten un mismo destino. A partir del 560 a.C. la muerte de Astianacte (*el Protector de la ciudad*) y la de su abuelo Príamo se superponen de manera que los pintores dibujan en una misma escena hechos que no fueron estrictamente concomitantes⁹⁴. Los ultrajes de los que fue víctima Príamo, desnudo y despojado de sus atributos reales⁹⁵, nos sumergen en una de las obsesiones griegas, la de la bella muerte y la vergüenza de su antítesis: el anciano derrotado en un combate desigual.

Las lecturas de este mito son innumerables, pero para lo que nos interesa aquí es preciso retener que, más allá de ofrecernos un resumen, lo que ponen en evidencia ante los ojos de sus interlocutores es el destino trágico de niños y ancianos. No debemos pensar sin embargo que se trata tan solo de una lectura emocional, de un drama humano en el que la fuerza del guerrero se ceba con los más débiles. Dentro del sistema de pensamiento griego el mensaje es muy diferente. Con el crimen del anciano rey se está resquebrajando el orden establecido, con el de su descendencia, ya sea su hijo o su nieto se le niega la capacidad de regeneración, se aniquila la estirpe y se priva a los mayores de memoria y de recuerdo, una de las piezas angulares del sistema de pensamiento griego. También aquí el

Cf. Taplin 2007: 112, n° 31; muerte de Arquémoro: Nápoles, Museo Nacional 81394, cratera de volutas apulia, Pintor de Darío, hacia 340 a.C. Cf. *LIMC* II, s.v. Archemoros 10.

⁹² Este tipo de representaciones se plasma sobretudo en las terracotas. Neils & Oakley 2003: 228-229, Cat. 27-28. Madrid, MAN 3352, Grecia continental, 300-200 a.C. (fig. 12).

⁹³ Madrid, MAN 11101, ánfora de Nola ática de figuras rojas, Pintor de Alcímaco, 460 a.C. (fig. 13).

⁹⁴ Berlín, Staatliche Museen, Antikensammlung 3988, píxide ática de figuras negras, hacia 550 a.C. Cf. *LIMC* II, s.v. Astyanax I 10.

⁹⁵ Roma, Villa Giulia 1197, cratera de cáliz de figuras rojas falisca, Pintor de Nazzano, hacia 350 a.C. Cf. *LIMC* VII, s.v. Priamos 131.

destino de niños y niñas difiere, al igual que el de ancianos y ancianas; mientras el primero es aniquilado y con él su estirpe, la segunda, que por lo general nunca es representada como una niña, sino como una adolescente o una joven, puede ser objeto de violación y convertirse en esclava, como en el caso de Casandra⁹⁶, la hermana de Troilo. Mientras el rey muere, su esposa será, como su hija o su nieta, sometida a la esclavitud. La elección de la iconografía no es gratuita, mediante ella se hace hincapié en la capacidad de procreación de la mujer y por ende en que algún día los hijos nacidos de estas uniones, aunque su nacimiento sea ilegítimo, sean futuros herederos. ¡La memoria queda así salvaguardada!

4. EL MITO DE TITONO

Hay un mito, sin embargo, que resume mejor que cualquier otro el drama teñido de humanidad de la vejez. Titono⁹⁷ es un joven de extraordinaria belleza al que Eos, la diosa de la Aurora, enamorada, rapta. Esta reclama a Zeus la inmortalidad para su amado pero olvida pedir también la eterna juventud. Titono envejece, pero privado de la muerte se va consumiendo, haciéndose cada vez más diminuto hasta que la diosa, de miedo de perderle, lo encierra en una cesta de juncos. Movidada por la pena, acabará transformándolo en una cigarra, que para los antiguos griegos era un insecto inmortal. ¡Titono será *athanatos* como los dioses pero *geraios* como los humanos! Si su mito explica en el imaginario la existencia de la cigarra, sirve también para imaginar la vejez. Es importante recordar que el término *geras* en griego significa no sólo “vejez” sino “muda”, empleado para la serpiente o para un insecto, por lo que transformado en cigarra Titono puede deshacerse de la vejez como si estuviera mudando y su voz, como la del insecto, resonará eternamente⁹⁸. ¡Evidentemente, esto solo funciona en el mito que pone de manifiesto los límites temporales de los humanos!

Como hemos visto, la iconografía constituye una extraordinaria herramienta para acercarnos a estas dos márgenes de la vida. Las imágenes de los vasos griegos, aunque nunca pueden ser leídas como fotografías, nos permiten asomarnos no solo a los mitos que reflejan la infancia y la vejez sino también a la esfera de lo cotidiano que probablemente de otra manera no conoceríamos. Y así, a través de uno de los escasos testigos directos de la Historia por los que se paseó su mirada, levantar el velo una vez más de las importantes diferencias presentes entre hombres y mujeres en cualquier etapa de la vida de los antiguos griegos.

⁹⁶ Madrid, MAN 1999/99/144, ánfora lucana de figuras rojas, Pintor de las Coéforos, 350 a.C. (fig. 14).

⁹⁷ *Il.* 20.237. Madrid, MAN 11158, lécito ático de figuras rojas, Pintor de Enocles, 470-460 a.C. (fig. 15).

⁹⁸ Sobre las diferentes lecturas del mito de Titono: Moreau 2003, Moreno Conde 2010.

BIBLIOGRAFÍA

- Bakhouché, B. ed. (2003), *L'ancienneté chez les Anciens. Tome I. La vieillesse dans les sociétés antiques: la Grèce et Rome*. Montpellier: Université Montpellier III.
- Bernard, N. (2003), “Les femmes âgées au sein de la famille et de la cité classique”, in Bakhouché 2003: 43-60.
- Birchler Emery, P. (2010a), *L'iconographie de la vieillesse en Grèce archaïque. Une contribution à l'étude du grand âge dans l'Antiquité*. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes.
- (2010b), “De la nourrice à la dame de compagnie: le cas de la trophos en Grèce antique”, in V. Dasen et V. Pache Huber (eds.), *Politics of Child Care in Historical Perspective. From the World of Wet Nurses to the Networks of Family Child Care Providers*. Special issue of *Paedagogica Historica – International Journal of the History of Education* 46.6: 751-761.
- Bodiou, L. (2011), “Les singulières conversions du lait maternel à l'époque classique. Approche médicale et biologique”, in *La femme, la parenté, le politique. Pallas* 85: 141-151.
- Catrysse, A. (2003), *Les Grecs et la vieillesse d'Homère à Épicure*. Paris: L'Harmattan.
- Chazalon, L. (2003), “Le mythe de Térée, Procnè et Philomèle dans les images attiques”, *Métis* 1: 119-148.
- Corvisier, J.-N. (2003), “La vieillesse dans l'Antiquité: le point de vue du démographe”, in Bakhouché 2003: 9-21.
- Damet, A. (2011), “«L'infamille». Les violences familiales sur la céramique classique entre monstration et occultation”, *Images Re-vues* [En ligne] 9: 1-26. URL: <http://imagesrevues.revues.org/1606> [acceso 6/06/2014].
- (2012), *La Septième Porte. Les conflits familiaux dans l'Athènes classique*. Paris: Publications de la Sorbonne.
- Dasen, V. ed. (2004a), *Naissance et petite enfance dans l'Antiquité. Actes du colloque de Fribourg, 28 novembre-1er décembre 2001. Orbis Biblicus et Orientalis 203*. Fribourg: Academie Press.
- (2004b), “Femmes à tiroir”, in Dasen 2004a: 181-206.
- Dillon, M. (2002), *Girls and Women in Classical Greek Religion*. London-New York: Routledge.
- Ducaté-Paarmann, S. (2005), “Images de la grossesse en Grèce ancienne: réflexions sur les modes de pensées et de comportements à l'égard du corps enceint”, *Opuscula Atheniensia* 30: 35-54.
- Frontisi-Ducroux, F. (2003), *L'homme-cerf et la femme-araignée: figures grecques de la métamorphose*. Paris: Gallimard.

- Gherchanoc, F. (1998), “Le lien filial dans l’Athènes classique: pratiques et acteurs de reconnaissance”, *Mètis* 13: 313-344.
- Hamilton, R. (1984), “Sources of the Athenian Amphidromia”, *Greek Roman and Byzantine Studies* 25: 243-251.
- (1992), *Choes and Anthesteria. Athenian Iconography and Ritual*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Hanson, A. E. (2004), “A Long-Lived ‘Quick-Birther’ (okytokion)”, in Dasen 2004a: 265-280.
- Harten, Th. (1999), *Paidagogos. Der Pädagoge in der griechischen Kunst*. Kiel: Universität.
- Kosmopoulou, A. (2001), “Working Women: Female Professionals on Classical Attic Gravestones”, *The Annual of the British School at Athens* 96: 281-319.
- Laurens, A. F. (1984), “L’enfant entre l’épée et le chaudron. Contribution à une lecture iconographique”, *Dialogues d’Histoire Ancienne* 10: 203-252.
- Magdelaine, C. (2003), “Vieillesse et médecine chez les médecins grecs, d’Hippocrate à Galien”, in Bakhouché 2003: 61- 81.
- Massar, N. (1995), “Images de la famille sur les vases attiques à figures rouges à l’époque classique (480-430 av. J.-C.)”, *Annales d’histoire de l’art et d’archéologie* 17: 27-38.
- Molinos Tejada, M. T. (2005), “Madres y nodrizas en la Antigüedad”, in M. A Pedregal Rodríguez y M. González González (coords.), *Venus sin espejo: imágenes de mujeres en la Antigüedad clásica y el cristianismo primitivo*. Oviedo: KRK, 55-79.
- Moreau, A. (2003), “Tithonos”, in B. Bakhouché (ed.), *L’ancienneté chez les Anciens. Tome II: Mythologie et religion*. Montpellier: Université Montpellier III, 341-356.
- Moreno Conde, M. (2005), “Flor y ritos de infancia en la antigua Grecia: azafrán, narciso y jacinto”, in R. Olmos, P. Cabrera y S. Montero (coords.), *Paraiso cerrado, jardín abierto. El reino vegetal en el imaginario religioso del Mediterráneo*. Madrid: Polifemo, 125-145.
- (2010), “Cuando lo diminuto enseña a pensar: el insecto en el imaginario griego”, in S. Montero y M^a C. Cardete (eds.), *Naturaleza y religión en el mundo clásico. Usos y abusos del medio natural*. Madrid: Signifer, 65-83.
- (2011), “La Naturaleza alterada. Imágenes de la metamorfosis en la antigua Grecia”, in M. Jufresa y M. Reig (eds.), *TA ZOLA. L’espai a Grècia. II: els animals i l’espai*. Tarragona: Institut Català d’Arqueologia Clàssica. Documenta 20, 105-120.
- Neils, J. & Oakley, J. H. eds. (2003), *Coming of Age in Ancient Greece. Images of Childhood from the Classical Past*. New Haven-London: Yale University Press.

- Papaikononou, I.-D. (2008), “Enfance et identité sexuée dans les cités grecques”, in F. Gusi (ed.), *Nasciturus, infans, puerulus. Vobis mater terra. La muerte en la infancia*. Castellón: Servei d’Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques, 683-710.
- (2013), “Le placenta, un double oublié. Métaphores de placenta dans les sanctuaires grecs?”, in *La petite enfance dans le monde grec et romain. Dossiers d’Archéologie* 356: 14-17.
- Polinskaya, I. (2003), “Liminality as Metaphor: Initiation and the Frontiers of Ancient Athens,” in D. B. Dodd & Chr. A. Faraone (eds.), *Initiation in Ancient Greek Rituals and Narratives*. New York: Routledge, 85-106.
- Rouquet, N. (2003), “Les biberons, les tire-lait ou les tribulations d’une tubulure peu commune...”, in D. Gourevitch, A. Moirin et N. Rouquet (dir.), *Maternité et petite enfance dans l’Antiquité romaine. Catalogue de l’exposition*. Bourges: Éditions de la Ville de Bourges, 164-170.
- Schulze, H. (1998), *Ammen und Pädagogen. Sklavinnen und Sklaven als Erzieher in der antiken Kunst und Gesellschaft*. Mainz: Philipp von Zabern.
- Sutton, R. F. (2004), “Family Portraits: Recognizing the *Oikos* on Attic Red-Figure Pottery”, in A. P. Chapin (ed.), *XAPIΣ: Essays in Honor of Sara A. Immerwahr. Hesperia Supplement* 33: 327-350.
- Taplin, O. (2007), *Pots & Plays: Interaction between Tragedy and Greek Vase-Painting of the Fourth Century B.C.* Los Angeles: Getty Publications.



1. Terracota, Grecia continental, 380-340 a.C. Foto: Alberto Rivas Rodríguez, Museo Arqueológico Nacional (N.I. 4008).

- Damet, A. (2011), «L'infamille». Les violences familiales sur la céramique classique entre monstration et occultation”, *Images Re-vues* [En ligne] 9: 1-26. URL: <http://imagesrevues.revues.org/1606> [acesso 15/09/2014].
- (2012), *La septième porte. Les conflits familiaux dans l'Athènes classique*. Paris: Publications de la Sorbonne.
- Delivorrias, A. et alii (1984), *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Vol. II. Zürich-München: Artemis Verlag, s.v. Aphrodite.
- Dover, K. J. (1968). *Aristophanes, Clouds*. Edited with introduction and commentary. Oxford: Clarendon Press.
- Dubel, S. et Montandon, A. eds. (2012), *Mythes sacrificiels et ragouùts d'enfants*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.
- Duchemin, J. (1960), “Aspects pastoraux de la poésie homérique: les comparaisons dans l’*Iliade*”, *Revue des Études Grecques* 73: 362-415.
- Duff, T. E. (2003), “Plutarch on the Childhood of Alkibiades (*Alk.* 2-3)”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 49: 89-117.
- Eyben, E. (1996), “Children in Plutarch”, in L. Van der Stockt (ed.), *Plutarchea Lovaniensia: A Miscellany of Essays on Plutarch* (Studia Hellenistica 32). Leuven: Peeters Publishers, 79-112.
- Fernández Delgado, J. A. (2007), “El hipotexto cómico del mimo: de las *Nubes* de Aristófanes al *Didáscalos* de Herodas”, *Anuario de Estudios Filológicos* 30: 95-113.
- (2009), “La letra con sangre entra: ámbito privado y espacio público en la escuela griega del s. III a.C., según Herodas”, *Quaderni Urbinati di Cultura Classica* 92: 119-140.
- Ferreira, L. N. (2000), “A evocação do mundo infantil na *Iliada*”, *Humanitas* 52: 53-76.
- (2010), “A criança na Grécia antiga: concepções, normas e representações”, in A. C. Fonseca (ed.), *Crianças e adolescentes. Uma abordagem multidisciplinar*. Coimbra: Almedina, 137-172.
- (2011), “Crianças na arte grega. Representações sociais e convenções artísticas”, in C. Soares, M. C. Fialho, M. C. Alvarez Morán e R. M. Iglesias Montiel (coord.), *Norma & Transgressão II*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 59-95.
- Fialho, M. C. e Rodrigues, N. S. (2012), *Plutarco. Vidas Paralelas: Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas. Coimbra: IUC/CECH.
- Fowler, B. H. (1989), *The Hellenistic Aesthetic*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- García Iglesias, L. (1988), “La menor edad en los poemas homéricos”, *Emerita* 56.2: 185-206.

- Garland, R. (1990), *The Greek Way of Life: from Conception to Old Age*. London: Duckworth.
- Golden, M. (1990), *Children and Childhood in Classical Athens*. Baltimore-London: The Johns Hopkins University Press.
- (2003), “Childhood in Ancient Greece”, in Neils & Oakley 2003: 12-29.
- González González, M. (2010), “Los dioses abandonan la ciudad. Astianacte, última víctima de la impiedad aquea en *Troyanas*”, *Les Études Classiques* 78: 157-168.
- Halm-Tisserant, M. (1993), *Cannibalisme et immortalité. L'enfant dans le chaudron en Grèce ancienne*. Paris: Les Belles Lettres.
- Headlam, W. and Knox, A. D. (1922, 1966), *Herodas: The Mimes and Fragments*. Cambridge: University Press.
- Hermay, A. et alii (1986), *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Vol. III. Zürich-München: Artemis Verlag, s.v. Eros.
- Hunter, V. J. (1992), “Constructing the Body of the Citizen: Corporal Punishment in Classical Athens”, *Echos du Monde Classique/Classical Views* 36, N.S. 11.3: 271-291.
- Jouan, F. (1995), “Le thème de l'enfant maudit dans les mythes grecs”, in Auger 1995: 31-43.
- Keuls, E. C. (1985), *The Reign of the Phallus. Sexual Politics in Ancient Athens*. Berkeley: University of California Press.
- Klein, A. E. (1932), *Child Life in Greek Art*. New York: Columbia University Press.
- Laes, C. (2005), “Child Beating in Antiquity: Some Reconsiderations”, in K. Mustakallio, J. Hanska, H.-L. Sainio, V. Vuolanto (eds.), *Hoping for Continuity: Childhood, Education and Death in Antiquity and in the Middle Ages* (Acta Instituti Romani Finlandiae 33). Roma: Institutum Romanum Finlandiae, 75-89.
- Laes, C. & Strubbe, J. (2014), *Youth in the Roman Empire. The Young and the Restless Years?* Cambridge: University Press.
- Laurens, A.-F. (1984), “L'enfant entre l'épée et le chaudron. Contribution à une lecture iconographique”, *Dialogues d'histoire ancienne* 10: 203-251.
- Marrou, H.-I. (1981), *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité. Tome I. Le monde grec*. Paris: Éditions du Seuil.
- Molinos Tejada, M. T. (2005), “Madres y nodrizas en la Antigüedad”, in A. Pedregal Rodríguez y M. González González (eds.), *Venus sin espejo. Imágenes de mujeres en la Antigüedad clásica y el cristianismo primitivo*. Oviedo: KRK Ediciones, 55-79.
- Neils, J. & Oakley, J. H. eds. (2003), *Coming of Age in Ancient Greece. Images of Childhood from the Classical Past*. New Haven-London: Yale University Press.

- Oliveira, F. (1990). *Platão. Lísias*. Introdução, versão do grego e notas. Coimbra: INIC/CECH.
- Pelling, C. (2002, 2011), “Childhood and Personality in Greek Biography”, in *Plutarch and History. Eighteen Studies*. Swansea: The Classical Press of Wales, 301-338.
- Pinheiro, A. E. (2009), *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas. Coimbra: CECH.
- Reckford, K. J. (1976), “Father-beating in Aristophanes’s *Clouds*”, in Bertman 1976: 89-118.
- Reid, J. D. (1993), “Punishment of Eros”, in *The Oxford Guide to Classical Mythology in the Arts, 1300-1990s*. Vol. I. Oxford: University Press, s.v. Eros, 414-417.
- Rocha Pereira, M. H. (2009), *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Rodrigues, N. S. (2008), ““Ó Gregos... porque matais esta criança?” A criança e a guerra na Grécia Antiga”, in A. R. dos Santos e J. Varandas, *A guerra na Antiguidade II*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa/Caleidoscópio, 135-153.
- Rühfel, H. (1984a), *Das Kind in der Griechischen Kunst. Von der minoisch-mykenischen Zeit bis zum Hellenismus*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern.
- (1984b), *Kinderleben im Klassischen Athen*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern.
- Shapiro, H. A. (2003), “Fathers and Sons, Men and Boys”, in Neils & Oakley 2003: 84-111.
- Silva, M. F. S. e Magueijo, C. (2006), *Aristófanes. Comédias I*. Coimbra-Lisboa: FLUC/IN-CM.
- Soares, C. (2011), *Crianças e jovens nas Vidas de Plutarco*. Coimbra: CECH.
- Strauss, B. S. (1993, 2002), *Fathers and Sons in Athens. Ideology and Society in the Era of the Peloponnesian War*. London: Routledge.
- Sutton, R. F. (2004), “Family Portraits: Recognizing the *Oikos* on Attic Red-Figure Pottery”, in A. P. Chapin (ed.), *XAPIΣ: Essays in Honor of Sara A. Immerwahr. Hesperia Supplement 33*: 327-350.
- Touchefeu-Meynier, O. (1984), *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Vol. II. Zürich und München: Artemis Verlag, s.v. Astyanax.
- (1995), “Heur et malheur d’un enfant royal, Astyanax, Prince de Troie”, in Auger 1995: 291-300.
- Touloupa, E. (1994), *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Vol. VII. Zürich und München: Artemis Verlag, s.v. Prokne et Philomela.

Lúisa de Nazaré Ferreira

Walcot, P. (1987), "Plato's Mother and Other Terrible Women", *Greece & Rome* 34.1: 12-31.

Younger, J. G. (2005), *Sex in the Ancient World from A to Z*. London-New York: Routledge.

EL HOGAR CAMPESINO PARA LA DONCELLA EN *TRABAJOS Y DÍAS* DE
HESÍODO
(The Peasant Home for the Maid in Hesiod's *Works and Days*)

KATIA OBRIST (katiabrist@hotmail.com)
Universidad de Buenos Aires

RESUMEN – Este capítulo aborda en *Trabajos y Días* de Hesíodo la figura de la *parthénos* en el proceso de traspaso de *oikos*. Observamos en esta obra el germen de la asociación entre lo femenino y lo peligroso, y rastreamos sus conexiones con otros aspectos, como la ideología del colectivo campesino al que pertenecía el autor, y los cambios en el espacio doméstico que se producen durante el Arcaísmo.

PALABRAS CLAVE: Hesíodo, *Trabajos y Días*, *parthénos*.

ABSTRACT – This chapter approaches the figure of the *parthénos* in the process of being moved from one *oikos* to another, as it appears in Hesiod's *Works and Days*. We can observe in this text the root of the inextricable link between femininity and danger, and trace its connections back to other issues, such as the ideology of the peasant group to which the author belonged, and the changes in the domestic domain that take place during the Archaic period.

KEYWORDS: Hesiod, *Works and Days*, *parthenos*.

Las jóvenes en proceso de tránsito hacia la edad adulta resultan una franja etaria de una riqueza notable a la hora de investigar las diferentes clases de edad en los testimonios de la Antigüedad. En primer lugar, porque las fuentes en general muestran que ese proceso, para el caso de las mujeres, estaba ya desde época temprana enmarcado en un rito nupcial¹. Por lo tanto, se trataba de un paso controlado, regido por normas precisas, cuya violación no sólo apartaba al individuo de lo humano y lo aproximaba a lo salvaje, sino que además hacía peligrar la protección favorable que procuraba la correcta cumplimentación del ritual²; en algún sentido, el adecuado desarrollo del rito garantizaba el orden y evitaba el peligro que representaba el “elemento indómito” que encierra la *parthénos*³, y que podía manifestarse en un momento

¹ Si bien la evidencia de los ritos del *gámos* proviene del período clásico y posteriores, de acuerdo con Kamen 2007: 99, se trataría de prácticas que se remontan al arcaísmo.

² Los peligros que implica la desviación de todo ritual se explican por el profundo carácter semiótico de los diferentes momentos que lo componen y, también, por la función eminentemente social del ritual al contribuir en los vínculos de solidaridad entre los miembros de la comunidad que lo practica. Cf. Burkert 2007: 14 y 77-78.

³ Nuestra mirada de la *parthénos* sigue especialmente los planteamientos de Sissa 1987, King 1993: 109-127, Lefkowitz 1995: 32-38, Reeder 1995, Frontisi-Ducroux et Lissarrague 2001, Burkert 2007: 108.

liminar como este, en el que acontecía el traspaso de *oikos* y la puesta en circulación⁴. De la misma manera, y en segundo lugar, su riqueza se aprecia en la forma en que este proceso ha sido plasmado en las fuentes que nos han llegado; así, en testimonios iconográficos de la cerámica y en la tragedia encontramos habitualmente el deslizamiento hacia otras prácticas, como la de raptos⁵, o hacia rituales, como el del sacrificio⁶, lo que brinda la posibilidad de explorar los modos en que se manifiestan los peligros de tales desviaciones ceremoniales. Y, puntualmente en el género trágico, la profunda descomposición y corrupción del ritual invita a reflexionar sobre la extrema fragilidad del umbral que separa la esfera social del dominio de lo salvaje y, al mismo tiempo, sobre la necesidad de articular los modos de convivencia entre esos mundos⁷.

En esta ocasión, no obstante, nos detendremos en un estadio previo al de la tragedia y la coyuntura sociocultural que aviene durante el siglo V a.C. Exploraremos en *Trabajos y Días* de Hesíodo⁸ la información que nos brinda acerca de la *parthénos* en el proceso de traspaso de *oikos*. Nos interesa observar en esta obra el germen de esa particular asociación entre lo femenino y lo peligroso, y rastrear sus conexiones con otros aspectos, como es la ideología del grupo de pertenencia del autor, y con ciertas reconfiguraciones asociadas a la espacialidad que se producen durante el arcaísmo.

Veremos que Hesíodo, como parte de un grupo de labradores independientes, revela en su obra valores sociales y éticos – como el de igualdad o la concepción moralmente positiva del trabajo manual – que responden a la ideología de una voz colectiva que estaba creciendo en el continente⁹. Estos principios ligados a la aldea y al hogar, que integran a los individuos de la comunidad, están conformados por creencias y conocimientos socialmente determinados¹⁰ y responden a una normatividad fundadora de un régimen de verdad que será decisivo en los siglos posteriores. En este sentido, partimos de la idea de normatividad en los términos de Darbo-Peschanski (2010: 7-20), quien la concibe como el fundamento mismo de los órdenes sociales, los principios de división y los esquemas clasificatorios de una comunidad; de esta manera, las creencias compartidas por el grupo social se refuerzan en función de su valor indiscutible y su “legitimidad” para validar lo real que ellas construyen. Una herramienta óptima para ello es la lengua, ya que nunca es neutra respecto de la concepción de mundo que tiene

⁴ Cf. King 1993: 110, Rodríguez Cidre 2010: 147.

⁵ Cf. Oakley 1995: 66.

⁶ Cf. Rehm 1994, Rodríguez Cidre 2010: 195-199.

⁷ No es casual, por lo tanto, que en la frecuente presencia femenina en las fronteras entre la naturaleza y el mundo civilizado, se identifique una asociación estrecha entre la mujer y lo liminar. Cf. Blundell 1995: 19.

⁸ Las citas de versos corresponden a la edición de Solmsen 1970. Las traducciones son nuestras.

⁹ Cf. Hanson 1995: 104, Gallego 2006: 81.

¹⁰ Cf. Shanin 1971: 295.

una comunidad lingüística sino que, por el contrario, es un mecanismo que funciona consolidando las estructuras sociales y culturales existentes, incorporadas por los hablantes de manera natural¹¹. Entre las disposiciones según las cuales se piensa el mundo y que se manifiestan mediante valores contrarios, atenderemos especialmente a las articulaciones masculino-femenino y exterior-interior, junto con las correspondencias entre los segundos elementos de cada par. A pesar de la extrema proximidad entre la *parthénos* (o lo femenino en general) y el mundo de la naturaleza a la que nos hemos referido en nuestras líneas iniciales, hemos optado por volver con algunas precisiones al respecto hacia el final de este trabajo ya que, como refiere Foley (1986: 140-148), la dicotomía naturaleza-cultura es particularmente inestable en las fuentes: no sólo en cuanto al contexto histórico sino también en relación a los diferentes géneros en una misma época.

En función de nuestro tema, entonces, no se puede pasar por alto en *Trabajos y Días* el proceso de manufactura de Pandora, la primera *parthénos*, que imita una “bella y encantadora figura de doncella” (παρθενικῆς καλὸν εἶδος ἐπήρατον, v. 60) que, paradójicamente, no existe todavía pero de la que será su prototipo¹². Si bien no nos detendremos especialmente en esta figura mítica, sí nos interesa dejar sentado que sus cualidades se despliegan implícitamente en el curso de la obra; en efecto, según Vernant, con su creación y la provisión de una *kháris* que la acerca a los dioses, los hombres comienzan a necesitar la reproducción para existir – su entrada en escena trae consigo la “condición humana”, expresa Zeitlin (1995: 58) – y, con esta, la identidad comienza a definirse por el parecido de los hijos con sus padres¹³, como menciona Hesíodo a propósito de la ciudad justa, en oposición a la injusta, donde reina el autoexterminio (vv. 225-248). El problema de la capacidad reproductiva que viene de la mano de Pandora está en que, al mismo tiempo, es difícil ver en ella un “principio de reproducción” o “a quien trae la fertilidad” pues el texto suprime estas funciones al extremo, en principio por el hecho de que su misma creación se aparta de los modos naturales de reproducción, al haber removido la participación femenina de esa acción¹⁴. Esta omisión en la procreación expresa la angustia ante el temor de una superioridad femenina natural. A lo largo de *Trabajos y Días*, a propósito de la mujer campesina, que es en la que nos detendremos, las referencias a la procreación de la mujer se reducen a lo mencionado en los vv. 225-248, que se suman a otros pocos comentarios acerca de ellas, especialmente orientados a la producción y a optimizar el patrimonio, como los relacionados con la necesidad de elegir una buena esposa que guarde

¹¹ Cf. Raiter et alii 1999: 16.

¹² Cf. Vernant 2011: 406-407.

¹³ Vernant 2011: 406 ve en esta semejanza una forma de actualización y encarnación, una forma de perpetuarse en el tiempo; incluso resulta interesante considerarla como un modo de recuperar la inmortalidad perdida.

¹⁴ Cf. Mossé 1991: 109, Zeitlin 1995: 69-70.

la reputación del marido (vv. 700-704 y 760) y no le destruya la hacienda (vv. 373-375 y 705-707) sino que, por el contrario, contribuya en el trabajo (v. 779). Esto se corresponde con la idea de “familia” que subyace en toda la obra y que, según Patterson (1998: 67), no está tanto basada en los vínculos de sangre como en intereses comunes económicos, productivos y reproductivos.

1. LAS JOVENCITAS Y EL MUNDO AGRARIO

Si bien a menudo han sido pasadas por alto, precisamente a raíz de la omisión que de ellas se hace en las fuentes disponibles, las mujeres campesinas del arcaísmo se nos presentan como un grupo con particularidades propias y, seguramente, de mucha importancia en el devenir de la *pólis*. Sin embargo, con frecuencia los estudios las pasan por alto para centrarse en las mujeres ricas del entorno urbano, en realidad un grupo minoritario de la sociedad antigua, quizás debido a que son las que aparecen regularmente retratadas en los testimonios. Las mujeres que trabajaban la tierra, en cambio, se nos presentan como un grupo silenciado¹⁵.

Ahora bien, si tomamos el texto de Hesíodo como un documento que transmite las creencias del campesinado, al que pertenece el beocio¹⁶, podemos aventurarnos a reconstruir aspectos que caracterizaron la vida de estas campesinas y, entre ellas, a las jovencitas. En *Trabajos y Días* podemos abordar la mención – escasa, por cierto – que se hace de ellas y de su trabajo; pero también debemos considerar las omisiones y silencios, pues se trata de un texto que está atravesado tanto por una presentación parcial como por una idealización de la mujer y de las actividades y espacios vinculados a ella, lo cual hace aun más complejo su abordaje.

Lo primero que podemos mencionar es que en *Trabajos y Días* se aprecia un interés particular en precisar el lugar y las características que debe reunir la joven casadera. Así, para referirse a los modos de protegerse de los soplos del viento Bóreas durante el invierno, escoge el ejemplo de la mujer joven que desconoce los trabajos de Afrodita (vv. 518-525). Como aprecia Patterson (1998: 63), es verdaderamente sorprendente la imagen amable que de ella ofrece este pasaje, dada la habitual hostilidad del poeta hacia la mujer que predomina en su texto, orientado más a revelar las tensiones que los afectos dentro del grupo familiar.

De la misma manera, es digno de mención que en esas líneas, Hesíodo estreche la relación no solo entre la feminidad y el espacio doméstico sino también entre la jovencita y las habitaciones más internas de la casa (*μυχήη ... ἔνδοθι οἴκου*, v. 523), adonde se recoge luego de acicalarse. Esta conexión que plantea el texto permite profundizar en el espacio que la tradición ha atribuido a las mujeres, el interior del *oikos*. Esta asociación, que en cierto momento se consideró

¹⁵ Cf. Scheidel 1995: 202.

¹⁶ Cf. Millett 1984: 84-115, Blundell 1995: 69.

- Eurípides”, in *Théâtre et spectacles dans l'antiquité*. Actes du colloque de Strasbourg (5-7 novembre 1981). Leiden: Brill, 17-30.
- Nápoli, J. T. (1998), “*Ifigenia en Aulide*. La última visión sobre la guerra”, in *La condición humana en Eurípides: un análisis de la funcionalidad del tema de la guerra dentro de la estructura compositiva de Heraclidas, Hécuba, Suplicantes, Troyanas, Elena e Ifigenia en Aulide*. Tesis de Doctorado presentada en la Universidad Nacional de La Plata (inérita), 314-382.
- Page, D. (1972), *Aeschyl's Tragedies*. Oxford: Clarendon Press.
- Platnauer, M. (1956), *Eurípides. Iphigenia in Tauris*. Oxford: Clarendon Press.
- Rabinowitz, N. S. (1993), “The Sacrificial Virgins: Iphigenia and Others”, in *Anxiety Veiled. Eurípides and the Traffic in Women*. Ithaca: Cornell University Press, 31-66.
- (2008), “Eurípides’ *Iphigeneia at Aulis*”, in *Greek Tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 108-115.
- Rehm, R. (1994), *Marriage to Death: The Conflation of Wedding and Funeral Rituals in Greek Tragedy*. Princeton: University Press.
- Rodríguez Cidre, E. (2010), *Cautivas Troyanas. El mundo femenino fragmentado en las tragedias de Eurípides*. Córdoba: Ordia Prima.
- Ryzman, M. (1989), “The Reversal of Agamemnon and Menelaus in Eurípides’ *Iphigenia at Aulis*”, *Emerita* 57.1: 111-118.
- Sansone, D. (1975), “The Sacrifice-Motif in Eurípides’ *IT*”, *Transactions of American Philological Association* 105: 283-295.
- Santos, F. B. (2006), “Aquiles em Ifigênia em Áulis de Eurípides”, *Synthesis* 13: 49-66.
- Seaford, R. (1987), “The Tragic Wedding”, *Journal of Hellenic Studies* 107: 106-130.
- (1995), *Reciprocity and Ritual. Homer and Tragedy in the Developing City-State*. Oxford: Clarendon Press.
- Sebillotte Cuchet, V. (2004), “La sexualité et le genre: une histoire problématique pour les hellénistes. Détour par la ‘virginité’ des filles sacrifiées pour la patrie”, *Mètis* 2: 137-161.
- Segal, C. (1993), *Eurípides and the Poetics of Sorrow. Art, Gender and Commemoration in Alceste, Hippolytus and Hecuba*. Durham: Duke University Press.
- Sissa, G. (1990), “Los cuerpos sutiles”, en M. Fehrer, R. Naddaff y N. Tazi (eds.), *Fragmentos para una historia del cuerpo humano*. Vol. III. Madrid: Taurus-Alfaguara, 133-156.
- Sommerstein, A. H. (2004), “Violence in Greek Drama”, *Ordia Prima* 3: 41-56.
- (2010), “The Omen of Aulis or the Omen of Argos?”, in *The Tangled Ways*

of Zeus and other Studies in and around Greek Tragedy. Oxford: University Press, 171-177.

Sourvinou-Inwood, C. (2003), *Tragedy and Athenian Religion.* Lanham: Lexington Books.

Vernant, J.-P. (1986), *La muerte en los ojos. Figuras del Otro en la antigua Grecia.* Trad. D. Zadunaisky. Barcelona: Gedisa.

——— (1991), *Mortals and Immortals. Collected Essays.* Princeton: University Press.

Wohl, V. (1998), *Intimate Commerce. Exchange, Gender, and Subjectivity in Greek Tragedy.* Texas: University of Texas Press.

Yoon, F. (2012), *The Use of Anonymous Characters in Greek Tragedy. The Shaping of Heroes.* Leiden-Boston: Brill.

Zeitlin, F. I. (1991), “Euripides’ *Hekabe* and the Somatics of Dionysiac Drama”, *Ramus* 20: 53-94.

PROBLEMÁTICA DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA ATENAS CLÁSSICA

(The Problem of Male Prostitution in Classical Athens)

NUNO SIMÕES RODRIGUES (nonnius@fl.ul.pt)
Universidade de Lisboa

RESUMO – Partindo de uma análise contextual, cujo objectivo é estabelecer as coordenadas mentais, culturais, ideológicas e sociais em que a prostituição se desenvolveu na Grécia antiga, sobretudo na Atenas clássica, este estudo centra-se no fenómeno da prostituição masculina, propondo uma leitura de enquadramento, feita a partir do que encontramos nas fontes literárias e materiais. Ao mesmo tempo que se propõe uma definição do «prostituto», leva-se em conta a sua origem, estatuto e condição social, em particular os momentos e as condições de vida de um homem que poderiam ser mais predispostas a este tipo de actividade (e.g. idade), mas também as formas em que ele se expressava e manifestava naquela sociedade.

PALAVRA-CHAVE: pederastia, homoerotismo, prostituição masculina, Aristófanes, Êsquines.

ABSTRACT – Starting with a contextual analysis, which aims to establish the mental, cultural, ideological and social coordinates from which prostitution developed in Ancient Greece, especially in Classical Athens, this study focuses on the phenomenon of Male prostitution. We propose a reading frame based on both literary and material sources. At the same time we offer a definition of “male prostitute”, taking into account the origin, condition and social status (in particular the moments or circumstances of the life of a man which could be more suitable to this type of activity, like age) of those who adopted this way of living. Moreover, we also take into account the forms in which they expressed and manifested themselves in the society they lived in.

KEYWORDS: pederasty, homoeroticism, male prostitution, Aristophanes, Aeschines.

Na versão que Higino e Antonino Liberal contam do mito de Céfalos e Prócris, lemos uma variante da narrativa, que nem o Pseudo-Apolodoro nem Ovídio registam¹. Na mitografia daqueles autores, escrita a primeira entre 50 e 207 e a segunda nos séculos II-III d.C. durante o período antonino ou severo (e

¹ Não sendo um dos “mitos maiores” da cultura grega, a história de Céfalos e Prócris vem narrada em Ovídio (*Met.* 7.672-865), na *Biblioteca* atribuída a Apolodoro (2.4.6-7, 3.15.1), em Higino (*Fab.* 189) e Antonino Liberal (*Met.* 41). Sabemos, contudo, que houve uma tragédia, hoje perdida, de Sófocles, chamada *Prócris*. Segundo a leitura de Higino, Céfalos e Prócris eram bisavós de Ulisses.

portanto quase por certo devedoras das obras daqueles outros poetas)², a princesa continua a ser filha de um rei de Atenas (Pandión segundo Higino, Erecteu segundo Antonino Liberal) e mulher de Céfalos.

Na lição de Higino, Eos – a Aurora – mantém o desejo adulterino por Céfalos, que contudo resiste à deusa. Mas, ao invés de o raptar, a Eos de Higino sugere a Céfalos que monte uma armadilha a Prócris, de modo a testar a fidelidade desta e assim, no caso de Prócris vacilar, libertá-lo da promessa que fizera à mulher, e consume a união adulterina. Vacilante, Prócris foge para Creta, onde se encontra com a deusa Diana, que se apieda da jovem e lhe oferece uma javalina e um cão. A princesa ateniense usa então os presentes da deusa para, por sua vez, testar o marido. Depois de cortar o cabelo e de se vestir como um efebo, desafia-o para uma prova de caça, para a qual conta com os animais que lhe haviam sido oferecidos pela deusa dos bosques, e acaba por vencer Céfalos. Ao ver a excelência dos animais, o marido de Prócris enceta um processo de sedução cujo objectivo é consegui-los. Deste modo, Céfalos pede à então ainda disfarçada Prócris que lhe venda o cão e a javalina, chegando a oferecer-lhe como contrapartida uma parte do seu reino, o que ela rejeita. Então, segundo Higino, almejando testar o marido, Prócris “disse: mas se queres tanto possuí-los, dá-me aquilo que os rapazes costumam dar” (*Sed si utique, ait, perstas id possidere, da mihi id quod pueri solent dare, Fab. 189.7*).

A continuação da narrativa, que apresenta as duas personagens prestes a manterem relações sexuais no leito, mostra que a proposta de Prócris tinha um sentido erótico, havendo que não esquecer que a jovem estava então disfarçada de rapaz, pelo que se tratava de uma sedução de natureza homossexual, a que Céfalos anuiu de bom grado (*ille amore iaculi et canis incensus promisit se daturum, Fab. 189.7*). A confirmação do que estava em causa não tarda. Em Higino lê-se: “quando entraram no leito, Prócris levantou a túnica e mostrou que era mulher e a esposa dele” (*qui cum in thalamos uenissent, Procris tunicam leuauit et ostendit se feminam esse et coniugem eius, Fab. 189.8*).

O texto transmitido por Antonino Liberal, centrado na figura de uma raposa e não nas dos heróis propriamente ditos, vai no mesmo sentido, apesar de algumas diferenças, todavia assinaláveis³. Segundo este autor, em Creta a princesa encontra-se não com a deusa da caça mas com o rei Minos, que em troca de “terapia sexual”, que resulta na invenção de uma espécie de preservativo feminino, oferece à jovem um cão e uma lança, que nunca falhava o seu objectivo. Mas a estrutura da narrativa é essencialmente a mesma. Também neste autor a jovem se disfarça de rapaz e oferece ao marido ignorante o cão e

² Sobre esta questão, ver Rincón Sánchez 2009: 9-14; cf. Calderón Dorda y Ozaeta Gálvez 1989: 163-176.

³ Ant.Lib. *Met.* 41; cf. Davidson 1997.

a lança em troca de favores sexuais. É, aliás, igualmente no momento em que Prócris se desnuda que ela se revela ao marido, mostrando-lhe que também ele cedera à tentação, mas com um rapaz, reconfigurando o episódio de “pseudo-homossexualismo”⁴.

Quer em Higino quer em Antonino Liberal (neste talvez de forma tácita), o casal acaba por se reconciliar, apesar da forte censura de que o jovem marido será alvo por parte da mulher e o que, contudo, não os afastará do trágico final a que estão reservados.

Não é, porém, o mito de Céfalos e Prócris em si que nos interessa agora tratar. Importa-nos sim salientar que, apesar da transmissão latina feita por Ovídio e Higino (tal como o Pseudo-Apolodoro, Antonino Liberal escreveu em grego), esta é uma narrativa de origem helénica, como a maioria das histórias contadas por esses autores nas suas obras mitográficas, o que em parte se demonstra também pelo contexto da mesma, i.e., Prócris é uma princesa ateniense e Céfalos um herói da Ática. A origem e o contexto do relato parecem portanto ser Atenas. Já no que diz respeito ao tema da “pseudo-homossexualidade” de Céfalos, pelo menos no quadro da história de Prócris⁵, nas fontes de que dispomos, não será de desprezar o facto de ele aparecer apenas nos autores mais tardios e de menor impacto ou projecção cultural.

Mas é legítimo questionar qual a relação do mito de Céfalos e Prócris com a problemática da prostituição masculina ateniense. Se entendermos por “prostituição” qualquer acto de natureza sexual praticado em troca de um pagamento, assumamos este a forma que assumir, então será caso para afirmar que a história de Céfalos e Prócris contém um elemento que eventualmente poderá ser considerado um acto de prostituição. Trata-se do momento em que Céfalos aceita deitar-se (entenda-se “manter relações sexuais”) com o seu “suposto companheiro masculino” em troca do cão e da javalina ou do cão e da lança. Em síntese, Céfalos ter-se-ia vendido/prostituído, e com um homem (para todos os efeitos, Céfalos desconhecia a armadilha que estava a ser montada), para obter os animais e/ou objecto que tanto desejava.

Na verdade, as conclusões podem não ser assim tão simples. Mas o mito não deixa de enunciar parte da problemática que agora nos ocupa. Há, contudo, que ter em conta que a própria definição de prostituição está longe de ser pacífica ou fácil de estabelecer. Num importante estudo sobre o tema na Roma antiga, T.

⁴Davidson 1997: 177, 182. Utilizamos a expressão num sentido diferente do de Devereux 1967. Referimo-nos a falsa identidade de género/sexual.

⁵Com efeito, como nota Davidson 1997: 176, a figura de Céfalos tem uma identificação de natureza claramente homofílica quando associada a Ptérelas. Sobre o assunto, ver Sergeant 1996. Note-se que Davidson chamou já atenção para a pertinência deste mito no contexto da homofilia na Grécia antiga, e com particular incidência na questão da prostituição. Ver ainda Davidson 2007: 255-261.

A. J. McGinn tratou-o, considerando que “the task of definition is of enormous importance because prostitution must be distinguished from other forms of nonmarital sexual relations, including adultery and concubinage.” (1998: 18). Com efeito, consoante uma perspectiva religioso-moral, legal ou médica, o conceito pode variar. Mas tem-se assumido que o que entendemos por “prostituição” deverá contemplar três critérios, a saber: promiscuidade, pagamento e indiferença emocional entre os agentes do processo (McGinn 1998: 18). Preferencialmente, um acto de prostituição deverá contemplar a convergência destes três factores. Ora, o mito de Céfalos e Prócris, lido à luz desta perspectiva, de imediato se revela de pouco provável identificação enquanto inclusão de uma cena de prostituição, visto que, apesar de Céfalos aceitar um “pagamento” ou “suborno” pelo acto sexual que está prestes a cometer, dificilmente o poderemos considerar promíscuo (mesmo levando em conta o caso com Eos), além de ser lícito colocar em causa a ausência de indiferença emocional.

Estas considerações não invalidam, porém, a existência de prostituição na Grécia antiga, em Atenas em particular. Vários estudos demonstraram já não só a sua presença nas sociedades gregas antigas, como analisaram com maior ou menor profundidade as suas dinâmicas políticas, sociais, culturais e ideológicas. Esses são os casos dos livros colectivos recentemente coordenados por C. A. Faraone e L. K. McClure (*Prostitutes and Courtesans in the Ancient World*, 2006) e por A. Glazebrook e M. M. Henry (*Greek Prostitutes in the Ancient Mediterranean: 800 BCE-200 CE*, 2011). O estudo das “cortesãs” na Grécia antiga parece ser, aliás, um tema que tem suscitado o interesse dos investigadores desde há mais de um século⁶. Menos intenso tem sido o estudo dos indivíduos do sexo masculino que na sociedade grega praticavam a prostituição, sem prejuízo, claro, para os inúmeros trabalhos e investigações publicadas no domínio da pederastia e do homossexualismo na Grécia antiga⁷. Com efeito, é no âmbito destes trabalhos que encontramos a esmagadora maioria das reflexões sobre o tema que agora nos ocupa, ainda que, neles, não seja o objecto de estudo principal. Devemos ainda argumentar que, por razões óbvias, as fontes que possuímos para estudar as prostitutas do mundo grego antigo são eventualmente mais abundantes do que as que conhecemos para o estudo dos seus equivalentes masculinos. Mas ainda assim cremos que há matéria suficiente para que possamos tecer algumas considerações, fazer algumas reflexões e tentar alguma sistematização do fenómeno da prostituição masculina e seu significado sócio-cultural entre os Gregos da Antiguidade. Neste sentido, tentaremos elaborar uma primeira proposta de análise, na qual deixaremos necessariamente mais problemas em aberto do que

⁶ Vide e.g. Montfaucon 1879, Licht 1932: 329-410, Frichet 1934.

⁷ Uma resenha dos principais estudos até 1991 pode ser lida em Golden 1991: 327-340. Desde então, publicaram-se muitos mais. O mais recente que conhecemos é o estudo de Gómez Iglesias 2012.

respostas definitivas. Por uma questão de método, centramo-nos agora no caso ateniense, de onde nos provém uma quantidade mais significativa de informação e cujo contexto político-social é mais bem conhecido.

Para que possamos aprofundar algumas reflexões, porém, e tendo em conta que numa sociedade como a da Grécia antiga o fenómeno da prostituição tinha maioritariamente como agente com usufruto, ou clientes, indivíduos do sexo masculino, convém trazer à colação outra problemática paralela, a já mencionada questão da pederastia ou homossexualismo. Impõe-se, portanto, fazer uma breve incursão na forma como o antigo código sexual grego funcionava socialmente⁸.

UM CONTEXTO PARA A PROSTITUIÇÃO MASCULINA NA ATENAS CLÁSSICA

De que a pederastia era um fenómeno cultural associado aos Gregos, já o próprio Heródoto parece ter consciência⁹. Com efeito, no tempo do historiador, o tema parecia ser bem conhecido entre os Helenos. Mas, uma vez mais, há que referir que o caso da Atenas clássica (séculos VI-IV a.C.) é o mais bem conhecido, dada a quantidade de fontes disponíveis, ainda que tenhamos também informação pertinente, sobretudo para os casos da Creta e da Esparta dos séculos VII-VI a.C.¹⁰

Em primeiro lugar há que ter presente que a problemática da pederastia/homossexualismo manifestava-se sobretudo entre as elites, sendo representada de uma forma essencialmente sublimada e idealizada e como estando longe das massas, sendo mesmo vista de forma negativa por estas¹¹. Com efeito, e sem levar em conta as eventuais conotações ritualístico-religiosas, o fenómeno deverá remontar à cosmovisão aristocrático-oligárquica da sociedade grega¹². Note-se,

⁸ Para utilizar a feliz expressão de Skinner 2010: 120. Não deixa, contudo, de ser interessante o problema do recurso aos serviços “disponibilizados” pela prostituição por parte de mulheres na Antiguidade, assunto cuja investigação, no entanto, ficará para outra etapa. Sobre a polémica, ver Miller & Platter 2005.

⁹ Cf. Hdt. 1.135, onde se lê “[os Persas] praticam a pederastia, que aprenderam com os Gregos.”, trad. M. F. Sousa e Silva. Plu. *De Herod. malign.* 857B-C, contudo, afirma que os Persas já integravam a prática entre os seus costumes antes dos contactos com os Gregos. De qualquer forma, interessa-nos salientar o facto de um grego como Heródoto ter consciência de que a prática seria, na sua perspectiva, intrinsecamente helénica, ainda que não exclusiva. Ver e.g. Nissinen 1998, Montalvão 2009.

¹⁰ E.g. Ephor. *FGrH* 70F 149 = Str. 10.4.21; Xen. *Lac.* 2.12-14; Plu. *Lyc.* 17-18; Ael. *VH* 3.10; Percy 2006: 15-92, Cartledge 1981.

¹¹ Lear 2014: 102, 107; Hubbard 1998: 48-78.

¹² Os testemunhos de Teógnis e de Píndaro fornecem exemplos de perspetivação desta problemática. Ver Lourenço 2009: 307-308, Onelley 2009, Hubbard 2002, 2003a. Ver em especial os vv. 239-254 dos *Theognidea*. De igual forma, o relato que Tucídides apresenta do tiranicídio, de que se destacam as figuras de Harmódio e Aristogítton, aponta para uma fórmula de defesa de um modelo que estava claramente em falência e que tem como uma das suas últimas tentativas de afirmação sócio-política todo o processo de heroicização dos tiranicidas (e.g. os *skolia* ou canções populares que em Atenas circulavam sobre os dois

por exemplo, como a iconografia da pederastia valoriza temas como o treino atlético, a caça ou o banquete. Na verdade, estas são actividades associadas às elites sociais¹³. De igual modo, em Aristófanes, a pederastia é sempre relacionada com o passado ou com uma ordem pretérita¹⁴. Esta questão é igualmente visível em Platão, que aparece frequentemente como uma voz defensora do homoerotismo, o qual tem nas *Leis* (o mais tardio dos textos atribuídos ao filósofo), em contraste com o que lemos n’*O Banquete* e no *Fedro* e com as listas de pares homofílicos/homossexuais que conseguimos elaborar a partir dos diálogos que lhe são atribuídos¹⁵, um discurso que afasta toda a actividade sexual da cidade ideal, a não ser a que tiver fins procriativos (a condenação do sexo meramente ocioso)¹⁶. Assim, o Platão defensor do homoerotismo entra em falência, ou em discordância consigo próprio, nos seus últimos escritos. Há por certo uma razão que o explica e que dificilmente escapará à conjuntura político-social que então se vivia e à estrutura cultural em que se integrava. Com outros, podemos assim afirmar que este era um tema problemático já na Antiguidade.

Esta pertinente perspectiva sociológica, defendida por M. Skinner, por exemplo, tem salientado que a *paiderastia* era sobretudo uma manifestação de “classe”, de elites, porque apenas os membros destas estariam socialmente disponíveis para comportamentos que a viabilizavam enquanto instituição, designadamente, a frequência de ginásios, banquetes e simpósios, nos quais o ambiente se predisponha a esse tipo de convenção social¹⁷. Tratar-se-ia, portanto, de uma forma de controlo social. Por outro lado, deverá radicar aqui também o facto de os testemunhos iconográficos provenientes de Atenas sobre o homoerotismo coincidirem sobretudo com o período oligárquico, atenuando-se ou mesmo desaparecendo no democrático, ao mesmo tempo que a comédia antiga, pujante durante a democracia, fornece evidências do tema que são de natureza essencialmente pejorativa. Há que não esquecer que a comédia desta época, designadamente a de Aristófanes, está focada sobretudo numa audiência popular, profundamente anti-oligárquica, como aliás testemunha o Pseudo-Xenofonte¹⁸.

amantes ou as estátuas que os homenagearam). Sobre esta questão ver Thuc. 1.20.2, 6.54-59; e ainda Hdt. 5.55-61, 6.123.2; Pl. *Smp.* 182c5-7, *Hipparch.* 228b4-229d7; Arist. *Ath.* 17-19; Paus. 1.23; desenvolvemos esta problemática em Rodrigues 2014.

¹³ Aspecto notado por Lear 2014: 109.

¹⁴ Lear 2014: 112.

¹⁵ Ver Lourenço 2009: 310-311, que cita Pl. *Smp.* 173b, *Men.* 70b, *Euthd.* 267d, *Prt.* 317c-d, *Grg.* 418d.

¹⁶ Pl. *Lg.* 7.835e-842e. A perspectiva platónica, porém, não é fácil de sistematizar, como notou já Lear 2014: 113. Ver ainda Ureña Prieto 2006: 227-236, Corner 2011: 75, Gómez Iglesias 2012.

¹⁷ “... as the *demos* became more powerful, pederasty, as an aristocratic custom, lost prestige”, Lear 2014: 122; ver também Corner 2011, Hubbard 2014a: 138.

¹⁸ Ps.-Xen. *Ath.* 2.18. Sobre estas questões, ver Shapiro 1981: 133-143, Hubbard 1998: 48-78, Shapiro 2000: 12-32, Skinner 2010: 124.

- Putéolos: 143 n. 55
 Quélidon, vide Filomela
 Queréstara: 177, 178, 187
 Querina: 173
 Querión: 174, 175
 Quersoneso: 111
 Quios: 148
 Quirón: 38, 39 n. 49
 Radamante, Radamanto: 43, 43 n. 80, 70
 Ramnunte: 170 e n. 9
 Rea, Reia: 32, 62
 Rodópolis: 143
 Roma: 68, 82, 131
 Sárdis: 136, 148, 149, 161
 Sátiros: 74
 Sémele: 33
 Sibila: 24, 167, 168 e n. 2
 Silenos: 82 n. 65
 Simão: 159
 Síria: 142 n. 52
 Sócrates: 75, 76 e n. 46, 143 n. 57, 145 e n. 60, 146
 Sofistas: 69
 Sotades: 37 n. 38
 Staatliche Museen, Antikensammlung (Berlin): 33 n. 10, 35 n. 26, 39 n. 51, 45 n. 94, 74 n. 42, 81 n. 63
 Staatlichen Antikensammlungen (München): 39 n. 52, 40 nn. 60 e 61, 43 n. 80, 71 n. 35
 Staatliches Museum (Schwerin): 44 n. 88, 182 n. 48, 71 n. 32
 Tais: 143
 Taltibio: 115 n. 28, 119 n. 42, 123
 Tâmiris: 70
 Tânagra: 81 n. 65
 Tauros: 110 n. 6, 111, 113
 Tebas: 17, 70, 74 n. 43, 135 n. 21
 Télefo: 63
 Telo: 180
 Temisto: 63 n. 7
 Teódota: 143-144 n. 57
 Teódoto: 147, 159 e n. 94
 Teóride: 144 n. 57
 Tera: 144
 Tereo: 40
 Termas de Caracala: 68
 Termos (Etólia): 64
 Tersandro: 157
 Tesalia: 44 n. 85
 Teseo: 34, 44 n. 89
 Tético: 172
 Tetis, Tétis: 32, 62 e n. 4, 64 e n. 8
 The Art Institute of Chicago: 67 n. 22, 78 n. 53
 The J. Paul Getty Museum (Malibu): 34 n. 18, 43 n. 82, 67 n. 21, 78 n. 52
 The Metropolitan Museum of Art (N.Y.): 32 n. 7, 37 n. 36, 38 nn. 44 e 46, 67 n. 21, 77 e n. 50, 79 n. 57, 81 n. 65
 The State Hermitage Museum (St. Petersburg): 75 e n. 45, 76, 77
 The Toledo Museum of Art (Ohio): 36 n. 30
 The Virginia Museum of Fine Arts (Richmond): 34 n. 22
 The Walters Art Museum (Baltimore): 67 n. 23
 Tiestes: 63
 Timandra: 143
 Timarco: 145-147 e n. 63, 148, 153-157 e n. 89, 158
 Timareta: 41 n. 64
 Timeu: 146
 Tindáreo: 34
 Tiresias: 43
 Titono: 24 e n. 43, 46 e n. 98, 167, 168 e nn. 2 e 4
 Tracia, Trácia: 111, 142 n. 52

Index nominum

Troilo: 45, 46, 61

Troya: 10, 34, 45, 111, 112, 115, 117,
121, 123, 124, 168

Ulises, Ulisses: 44 n. 90, 112, 121,
123, 129 n. 1

Urânia: 70 n. 31

Urano: 32, 62 e n. 3

Vénus: 78

Vulci: 74 n. 43

Worcester Art Museum: 67 n. 22

Xantipa: 76

Yocasta: 10, 43

Yole: 43

Zeus: 32, 33, 34, 36, 43, 46, 62 e n. 3,
76, 112, 121, 167

AUTORES

Ana Iriarte es Catedrática de Historia y Civilización griegas en la Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea (Vitoria-Gasteiz). Entre otras reflexiones sobre la antigua Grecia contemplada desde la modernidad, ha publicado: *Las redes del enigma. Voces femeninas en el pensamiento griego* (Madrid, 1990); *Democracia y Tragedia. La era de Pericles*, Madrid, 1996; *De Amazonas a Ciudadanos* (Madrid, 2002) e *Historiografía y Mundo griego* (Bilbao, 2011). Entre sus recientes capítulos en libros colectivos destacan: “Athena et les Amazones sur l’Acropole”, in A. Caiozzo y N. Ernoult (eds.), *Femmes médiatrices et ambivalentes: mythes et imaginaires*, París, 2012, 293-306, y “Despotisme et voies de communication: entre tragédie et *Histoires*”, in J. Alaux (ed.), *Hérodote: formes de pensée, figures du récit*, Rennes, 2013, 95-116.

Margarita Moreno Conde es Técnica de Museos del Departamento de Antigüedades Clásicas del Museo Arqueológico Nacional. Doctora en Arqueología Clásica por la Universidad de Friburgo (Suiza), se ha especializado en iconografía clásica e historia de la religión griega con especial interés en la construcción de la naturaleza y de la mujer en el mito y en la religión, así como en el papel de la mujer en el ámbito de museos. Ha publicado entre otros: *Regards sur la religion laconienne: les Hyacinthia à la lumière des textes et de l’archéologie* (Ilu. *Revista de Ciencias de las Religiones*. Anejo XXII, Madrid, 2008); “La Naturaleza alterada. Imágenes de la metamorfosis en la antigua Grecia”, in M. Jufresa Muñoz (coord.), *Tà Zòia. L’espai a Grècia II: els animals i l’espai*, Tarragona, 2011, 105-120; “La ausencia o presencia de las mujeres en los museos de historia. El caso del Museo Arqueológico Nacional”, in M. L. Fernández Cao, A. Fernández Valencia, A. Bernárdez Rodal (eds.), *El protagonismo de las mujeres en los museos* Madrid, 2012, 111-126.

Luísa de Nazaré Ferreira é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade. Doutorou-se em 2005 com um estudo sobre a actuação dos líricos gregos da Época Arcaica (*Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura de Simónides*, Coimbra, 2013). Além da Literatura Grega, tem dedicado a investigação principal à História da Cultura Grega (a criança e a mulher, a experiência do turismo e lazer, a arte e o mito: “Festive Alexandria – mobility, leisure, and art in the Hellenistic Age”, in R. Sousa et alii, eds., *Alexandrea ad Aegyptum. The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Porto, 2013, 134-144), bem como à recepção dos temas clássicos na arte ocidental, em especial na tapeçaria antiga (*Plutarco e as Artes. Pintura, Cinema e Artes Decorativas*, Coimbra, 2010, em co-autoria).

Katia Obrist es Profesora Adjunta Extraordinaria de Griego en la Universidad del Salvador (Argentina). Doctoranda en la Universidad de Buenos Aires, se especializa en las conexiones entre el espacio escénico y la representación femenina en Sófocles. Ha publicado capítulos de libros de la especialidad, como “Las mujeres que el teatro ateniense saca de(l) quicio: un análisis performativo de Antígona de

Sófocles”, in E. Rodríguez Cidre, E. J. Buis, A. M. Atienza (eds.), *El oikos violentado: genealogías conflictivas y perversiones del parentesco en al literatura griega antigua*, Buenos Aires, 2013, “Aberturas femeninas en el teatro griego. Algunas reflexiones en torno a la puerta central en Traquinias de Sófocles”, in E. Rodríguez Cidre, E. J. Buis (eds.), *La pólis sexuada: normas, disturbios y transgresiones del género en la Grecia Antigua*, Buenos Aires, 2011. En revistas del área, recientemente: “El espacio doméstico y sus (des)quicios en el teatro de Sófocles”, *Cuadernos de Filología Clásica (egi)* 23, 2013, 125-141.

Elsa Rodríguez Cidre es Profesora Adjunta del Área de Griego de la Universidad de Buenos Aires e Investigadora Adjunta del CONICET (Argentina). Se ha especializado en el discurso femenino en la tragedia griega, en particular la obra de Eurípides. Entre sus publicaciones figuran *Cautivas Troyanas. El mundo femenino fragmentado en las tragedias de Eurípides* (Córdoba, 2010) y varios artículos y capítulos de libros de la especialidad. Ha editado en colaboración: *El oikos violentado: genealogías conflictivas y perversiones del parentesco en al literatura griega antigua* (Buenos Aires, 2013), *Nostoi. Estudios a la memoria de Elena Huber* (Buenos Aires, 2012), *La pólis sexuada: normas, disturbios y transgresiones del género en la Grecia Antigua* (Buenos Aires, 2011), *Miradas y saberes de lo monstruoso* (Buenos Aires, 2011), *Criaturas y saberes de lo monstruoso* (Buenos Aires, 2008), y ha traducido la *Medea* de Eurípides para la editorial Losada.

Nuno Simões Rodrigues é Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e do Centro de História da Universidade de Lisboa. Doutorou-se em Letras, na especialidade de História da Antiguidade Clássica, em 2004, com um estudo sobre a presença dos Judeus na cidade de Roma nos séculos I a.C. e I d.C. (*Iudaei in Vrbe. Os Judeus em Roma de Pompeio aos Flávios*, Lisboa, 2007). Tem centrado a investigação nas áreas da Cultura Grega, da História Política e Social de Roma e da Recepção da Antiguidade no Cinema (*Mitos e Lendas da Roma Antiga*, Lisboa, 2005; “Poética grega e cultura judaica”, in *Poética(s). Diálogos com Aristóteles*, Lisboa, 2007, 101-140; “Helena de Tróia en el Sétimo Arte”, in *Ámbitos. Revista de Estudios de Ciencias Sociales y Humanidades – El Mundo Clásico en el Cine* 27, 2012, 27-37).

Marta González González es Profesora Titular de Filología Griega en la Universidad de Málaga. Ha realizado traducciones de poesía griega para la colección de clásicos de Akal y de Plutarco para la Biblioteca Clásica Gredos. Su investigación se centra actualmente en la epigrafía funeraria griega, tanto en aspectos literarios (“Un eco de Semónides Fr. 7 en CEG II 530”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 178, 2011, 26-28; “CEG 587, μήτηρ καταλείβεται: Eurípides en una inscripción funeraria del s. IV a.C.”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 185, 2013, 61-62) como religiosos (“La epigrafía funeraria y la idea de alma en Grecia Antigua (CEG 482; SEG 38: 440)”, *Cuadernos de Filología Clásica (egi)* 24, 2014, 81-95; “Soberana del Hades. Perséfone en la epigrafía funeraria y en las *láminas áureas*”, *Humanitas* 66, 2014).

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrício: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010).
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira e Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster and Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010).
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010).
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronoia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010).
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido, *El legado de Tucídides en la cultura occidental* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011).
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
14. Carmen Soares & Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).

15. Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho & José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva, *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
23. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & JoséLuís Brandão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. I – Dos saberes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 282 p.
24. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. II – Dos poderes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 336 p.
25. Joaquim J. S. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 458 p.
26. Delfim Leão, Gabriele Cornelli & Miriam C. Peixoto (coords.), *Dos Homens e suas Ideias: Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013).
27. Italo Pantani, Margarida Miranda & Henrique Manso (coords.), *Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
28. Francisco de Oliveira, Maria de Fátima Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (coords.), *Violença e transgressão: uma trajetória da Humanidade* (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
29. Priscilla Gontijo Leite, *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).

30. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. - Volume I (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
31. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. - Volume II (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
32. Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão, Maria Aparecida de Oliveira Silva (coords.), *Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
33. Carlos Alcalde Martín, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
34. Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).

Resumo da obra

Este volume apresenta algumas reflexões sobre as ideias de idade e género na Grécia antiga. Reúne sete estudos de investigadores espanhóis, portugueses e argentinos, que se baseiam em diferentes fontes: literárias, iconográficas, epigráficas e sociais. Os trabalhos não se centram no cidadão, isto é, no varão adulto, no cidadão de acordo com a definição aristotélica, mas nas crianças, nos anciãos, nas donzelas. Explora-se inclusive o campo da prostituição masculina. Trata-se de um estudo que, com base na abundante bibliografia publicada nos últimos anos sobre estes aspectos, apresenta uma reflexão de conjunto sobre as margens da cidadania vista sob os parâmetros de género e idade.